
O SINGULAR E A FALTA DE CRONÔMETRO NO CONHECER FILOSÓFICO

UMA ANÁLISE SOBRE OS DANOS DO CAPITALISMO NO PROCESSO HERMENÊUTICO NECESSÁRIO PARA A FILOSOFIA

O SINGULAR E A FALTA DE CRONÔMETRO NO CONHECER FILOSÓFICO UMA ANÁLISE SOBRE OS DANOS DO CAPITALISMO NO PROCESSO HERMENÊUTICO NECESSÁRIO PARA A FILOSOFIA

GOULART, Gabriel Brandão Ulhoa¹, BATISTA, Julia Oliveira de Jesus², RIBEIRO, Clara Pires³

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
gabrielpergou@ufmg.br

² UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
juliaojb@ufmg.br

³ UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
claralpires@ufmg.br

RESUMO: Nesse artigo visamos explicitar a complexidade do estudo à filosofia para os estudantes e como eles não devem ter um plano de estudos estipulado. É nítido que os principiantes na filosofia não devem buscar uma ordem para começar seus estudos, visto que, “a filosofia não conhece propriamente nenhum domínio cognitivo previamente estipulado, que devesse ser preparado e comunicado progressivamente” (ADORNO, Theodor Wisengrund, “Zum Studium der Philosophie”, 1997, pp.318-326.) Na filosofia não existem textos fáceis ou difíceis, dado que, um texto fácil, pode se tornar complexo para quem o não compreende à princípio, do mesmo modo que um texto considerado difícil, se torna fácil à quem já tem clareza sobre o assunto. Para o estudo da filosofia se tornar eficaz, não se deve, portanto, trazer critérios dogmáticos (crenças) aos estudos filosóficos, pois são a herança de uma filosofia histórica, o método cartesiano, que já delimita o que

devemos investigar, logo, precisam estes estarem de consciência ingênua para a iniciação de um estudo filosófico.

Palavras - chave: Conhecer filosófico, estudo da filosofia, sociabilidade capitalista.

1. INTRODUÇÃO

A proposta visa discutir a relação entre temporalidade e compreensão de argumentos filosóficos e como as noções temporais, quando estas estão vinculadas ao neoliberalismo e com isso, a sistemática capitalista, geram demandas que convergem para um comportamento anti filosófico. A partir disso, irá demonstrar como o pensamento filosófico, quando proposto dentro de uma sociedade com domínio do capital, ou seja, de uma sociabilidade capitalista, se transforma em algo que perde a negatividade necessária para que o esclarecimento não se torne uma mera busca por técnicas e dominações e vira justamente um criador de deuses, que vangloria métodos e esquece da filosofia enquanto um pensar de seu próprio tempo. Por fim, o projeto irá tentar retomar os seres humanos enquanto seres singulares, para assim, criticar o individualismo presente na promoção da filosofia em uma sociedade capitalista, defendendo a tese de que para a compreensão de argumentos filosóficos seja realizada qualitativamente, é necessário romper com as noções de prazo, velocidade e produtividade promovidas pelo capitalismo.

2. Dos fatos

O conhecer filosófico, segundo Adorno, em seu texto "Sobre o Estudo da Filosofia é um conhecer singular, que não tem uma linearidade num sentido de ir acumulando saberes para se traçar um caminho fixo no conhecer. Saindo de tal linearidade, o autor busca traçar esse conhecer específico como algo que não está num local separado do viver humano, com isso, não se ausenta do ser humano histórico, contingencial e social no momento em que conhece algo filosoficamente. Deve se isso, ao fato de ao se deparar com preceitos e argumentos filosóficos, aquele que deseja conhecer, tem que realizar um esforço próprio para absorver aquilo que foi lido e assim buscar entender a totalidade de um determinado argumento. Assim, a pessoa tem que dar de si mesma para o que deseja conhecer.

Aquilo que foi lido, com isso, passa a fazer parte da pessoa, pois interage com ela como um todo, não é um mero objeto que se apreende externamente ao sujeito, em que o ser humano pode ser ignorado, para que assim, o objeto possa ser somente capturado. Além disso, quando se conhece algo filosoficamente, não é um método a ser aplicado, como se fosse uma ferramenta a ser usada, mas sim, o próprio método e o argumento interagem com o pensar filosófico, estão dentro da crítica filosófica. Por isso, tal distanciamento não ocorre, já que os preceitos filosóficos devem estar vivos naquele que busca compreendê-los e todo o caminho passa a ser passível de crítica, sendo a negatividade algo necessário para que o conhecer não fique fixado em uma maneira, pois caso isso ocorra deixa de criar conceitos e passa a ser uma mera técnica aplicável, ou seja, deixa de ser algo vivo e frutífero, para ser algo pronto e robotizado (algo pré-programado).

3. Metodologia

Adorno, com isso, traça uma diferenciação entre o saber filosófico e outras áreas do saber, sendo o pensar filosófico algo que cria conceitos, sendo estes dificilmente abandonados, mas constantemente criticados, enquanto isso, outras ciências que se apresentam como um prédio em que um determinado conhecer é mais ou menos difícil que o outro, pois é como uma escada pré-programada de orientações indicando um caminho fixo do conhecimento não necessitam de uma crítica constante à todas suas instâncias. Além disso, em outras áreas do conhecimento, alguns saberes deixam de ter validade, pois aquela determinada área tem valor técnico e quantitativo, então quando um conhecimento deixar de ser útil para ela, ou tiver um valor baixo (dentro de suas categorias quantitativas), aquilo deixará de ser estudado, enquanto isso, a filosofia defendida pelo autor, que se volta para o conceito e para a constante criticidade, não tem um conhecimento mais ou menos valioso, mas sim, questões que desde seu princípio até os dias atuais permanecem vivas, pois possuem uma dificuldade para serem compreendidas que não estão numa mera aplicabilidade técnica para obter resultados, mas sim, ir em direção de uma radicalidade que revele as complexidades do todo em que os seres humanos estão inseridos. Este é o motivo de não existirem caminhos mais fáceis ou difíceis, já que partindo de uma busca filosófica, um argumento pode se desmembrar das mais diferentes formas e isso sem obter um resultado prático e simplório que outras áreas buscam.

4. Análise e Interpretação de dados

Tal maneira filosófica de conhecer, então, interage com a pessoa que a busca em suas múltiplas vivências, com isso, Adorno destaca o papel do “ não compreender”, dentro deste conceito, o autor deixa evidente que o papel do trabalho lento e atento ser necessário para o compreender e que ao se deparar com um texto de filosofia e não compreender algo o leitor não deve se apressar, mas sim

respeitar seu próprio tempo de entendimento, deixar que aquele argumento interaja com o sujeito, deixar que aquilo "ruminar" na mente. Com isso, a mente continuará trabalhando naquela busca, a filosofia, com isso, fazendo parte da maneira de viver da pessoa e não sendo algo que pode abstrair para se exilar do mundo, mas sim uma interação entre o argumento, a pessoa e a realidade em que ela vive, não estando eles separados, mas sim, interligados. Sendo assim, o tempo de cada ser humano, ou a maneira singular de interação com a temporalidade é necessária para que o saber filosófico se faça presente. Somente com a "falta de cronômetro", então, é que o pensar começa a realizar pensamentos críticos, em que aquele argumento participa, em algum sentido, das vivências humanas da pessoa em questão, pois é o necessário para que aquilo adentre e conviva com a pessoa, não sendo meras informações técnicas, mas sim, conceitos. Sendo assim, sem o cronômetro é que se chega na radicalidade das questões.

O cronômetro aqui, pode ser visto como uma cobrança para que se cumpra algo, tal qual em um processo de produção maquinário há um cálculo para que um determinado resultado pré-estipulado seja obtido em um determinado tempo, utilizando de um método fixo para que assim, tenha uma conclusão das etapas, com o processo tendo sido fechado e a funcionalidade da máquina comprida. Nesse sentido, tal processo de produção e a mentalidade construída com o mesmo é anti filosófico, não se adequando com a falta de pressa necessária para a filosofia, pois caso alguém buscasse ler um texto filosófico dessa maneira as questões levantadas no texto, os argumentos e o mergulho radical na obra, necessário para compreender a mesma, não iriam ocorrer, pois a pessoa ia ter a barreira do resultado sendo uma forma para ela compreender o que aparecesse, já que a função destina a ser cumprida seria o norte para tal leitura. Por isso, em uma sistemática social que tenha a reprodução técnica das ações humanas como norte, tal qual a sistemática capitalista se efetiva, tendo nela tal cronômetro permeando a sociabilidade, a criação de conceitos vai sendo deixada de lado, pois o que passa a ser dado como importante é a criação de métodos para que se produza em maior escala e atinja resultados, não tendo o ser humano como ser complexo e singular, mas sim, como um mero reprodutor dos métodos, para que assim, tal sistemática seja mantida e com isso, as vantagens individuais daqueles que em número são minorias permanecem intactas, juntamente com o domínio do capital, que realiza a exclusão do singular daqueles estão imersos em tal sistemática e as pessoas passam a ignorar suas próprias complexidades. Dentro disso, o filósofo Lukács expõe durante o capítulo "A reificação e a consciência do proletariado" do texto "História e consciência de classe" como a reificação está presente nas sociedades capitalistas, sendo algo que possui relação direta com os relacionamentos humanos, que por sua vez, orienta como os seres humanos veem as pessoas nas relações e formando um olhar de mercadoria para as pessoas, transformando possíveis diferenças qualitativas entre os sujeitos em meras distinções de valores. Ou seja, sendo algo que influencia na maneira de entender a si mesmo, pois é uma imposição do capitalismo as noções do que é viver em uma sociedade e uma caracterização objetificada das noções de humanidade. Dentro de tal percepção,

Lukács destaca que dentro de uma sociedade capitalista, quer dizer, que é regida sobre os interesses do capital, para que tal sociedade exista e se mantenha, é necessário que sejam naturalizadas as relações coisificadas.

5. Conclusão

Ao ir em direção da vida humana nessa sistemática, a coisificação está ligada ao ato de cronometrar, pois passa a calcular como cada um deve viver, como se os seres humanos fossem objetos prontos, sem diferenças, apenas distinções, em que a vida passa a ser sempre orquestrada pela técnica nessa lógica de abstração capitalista, que normaliza tal sistemática, como se esse tempo abstrato e a designação direta do mesmo com uma função fosse algo natural e não algo forjado dentro do processo histórico do estabelecimento do capitalismo. Por isso, os seres humanos, imersos em tal naturalidade imposta pela sistemática, obtém inúmeras dificuldades ao tentar realizar interpretações filosóficas, já que tal noção de tempo presente no capitalismo vai em conflito daquilo que a filosofia pede, não tendo espaço para a interpretação da realidade enquanto realidade vivida, tendo sempre que chegar num ponto final, para assim, ter uma "mercadoria para a venda", um resultado, ao expresso de forma quantitativa e não algo constante, que não tenha início meio e fim tal qual deve ser o aprendizado filosófico para Adorno. O singular, enquanto aquele capaz de fornecer uma interpretação complexa e radical das questões, que não fique numa relação direta e causal do conhecer é excluído, para assim, dar lugar a um conhecimento calculável, quantitativo e cronometrado. Com isso, o conhecer deixa de ser conceitualizado e interpretado e passa a ser algo meramente apreendido e conduzido a outro local, sem um singular que participe do conhecer, já que a lógica capitalista visa não pessoas para pensarem sobre pessoas, mas sim, um esclarecimento totalitário para que não se tenha mais a filosofia e a criticidade, somente a técnica e a auto reprodução da mesma.

REFERÊNCIAS

LUKÁCS, Georg. Reificação e Consciência de Classe. São Paulo: FFLCH- USP, 2003.

ADORNO, Theodor Wisengrund. "Zum Studium der Philosophie", Sobre o estudo da Filosofia, 1997

HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento. São Paulo: Zahar, 1985